

O LETRAMENTO DIGITAL E A ESCOLA COMO SUA PRINCIPAL AGÊNCIA

Agleice Marques Gama¹

Resumo: O letramento digital, surgido com as novas tecnologias da comunicação eletrônica do final do século XX e início do XXI, ocorre em ambiente virtual e possibilita não só escrever, ler e interpretar *hipertextos on-line*, mas também interagir via tecnologias digitais de informação e comunicação. O computador conectado ou não à internet, a web, o celular, o smartphone, o tablet, o caixa eletrônico entre outros se tornaram instrumentos essenciais para a realização da maioria das ações da pós-modernidade, sendo a prática da leitura e da escrita, em muitos casos, uma exigência para utilização. Em vista disso, este artigo objetiva apresentar reflexões sobre letramento(s), especificamente sobre o digital, mostrar o que se faz necessário para ser incluso neste ascendente campo das novas tecnologias, assim como onde aprendê-lo de modo crítico.

Palavras-chave: Letramento(s). Letramento digital. Inclusão digital

Introdução

Não faz muito tempo, as discussões sobre letramento giravam apenas em torno de práticas de leitura e de escrita em contextos sociais a partir do uso do papel, diferenciação entre alfabetização e letramento e a importância da adoção deste pela escola. Hoje, essa discussão está amplamente aberta e mais profunda e forma base para estudos de subcategorias de letramento(s), como, por exemplo, a do digital, que se faz necessária, na sociedade pós-moderna, devido à inserção das “recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a *web*), a Internet” (SOARES, 2002, p.146), além das diversas mídias existentes e crescentes em alta velocidade.

Diante dessa realidade, questiona-se: O que é letramento? O que é ser letrado? O que é ser letrado digitalmente? e Onde adquiri-lo? Muitas são as respostas e lacunas existentes para esses questionamentos. Por conta disso, aqui, procurar-se-á respondê-los de modo claro e sequencial, sem nenhuma pretensão de esgotamento do assunto, o qual se faz cada vez mais

¹Mestre em Letras, Universidade Federal do Pará; doutoranda em Linguística Aplicada, linha de Linguagem e Tecnologia, pela FALE/UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). E-mail: agleicemarques@hotmail.com

relevante e indispensável às pesquisas acadêmico-científicas, como forma de ajudar na construção de uma educação de qualidade em que todos possam exercer igualmente seus direitos e deveres de cidadãos.

Letramento

Segundo Ribeiro (2008), no final da década de 1970, pesquisadores estrangeiros como Shirley Brice Heath, Sylvia Scribner & Michael Cole, Brian Street, entre outros, já debatiam o letramento como elemento superior a alfabetização e necessário a uma população alfabetizada e pertencente a um contexto desenvolvido, principalmente com relação à cultura escrita.

No Brasil, o termo *letramento* entrou em discussão nas áreas educacional e linguística a partir do trabalho *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, de Mary Kato, em 1986. Todavia, segundo Soares (2009), esse termo já aparece registrado, embora com significado que não englobe as acepções dadas a ele atualmente, no *Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete, em 1974, em sua 3ª edição brasileira, cujo sentido restringe-se à escrita com indicação ao verbo letrar significando investigar soletrando e adquirir letras ou conhecimentos literários.

A acepção de letramento aceita hoje nas pesquisas, de um modo geral, advém da palavra inglesa *literacy*, do latim *littera* (letra), com sufixo *-cy* significando qualidade, condição e estado. No dicionário *Oxford University Press* (2007, p. 539) aparece como “alfabetização, capacidade de ler e escrever” e no *Novo Webster’s* (2008, p. 270) recebe apenas a acepção de “capacidade de ler e escrever”. Assim, *literacy* representa as ações que um indivíduo ou grupo praticam por meio do uso da leitura e da escrita.

Segundo Tfouni (1995, p.20), “o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”, diferentemente da alfabetização que se detém apenas à aprendizagem da escrita de modo individual. Já para Kleiman (1995, p. 19), letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Dessa forma, fica claro que letramento, para Tfouni, envolve as mudanças ocorridas na sociedade por meio das ações de escrita, e, para Kleiman, além do aspecto sócio-histórico, ele também agrega “as práticas e eventos relacionados com o uso [...] da escrita” (1998, p.181). Entre as autoras, portanto, o conceito de letramento não representa apenas a aquisição da escrita, mas também

as práticas de leitura e escrita que se faz no contexto social, práticas que, segundo Tfouni (1995), podem também advir de um sujeito não alfabetizado, desde que socialmente integrado a elas.

É importante frisar que o conceito de letramento e alfabetização, embora diferentes, não são excludentes, uma vez que o processo de aquisição da escrita envolve ambos. Todavia, nem sempre ser alfabetizado significa ser letrado e ser letrado significa ser alfabetizado. Por exemplo, há pessoas analfabetas que ditam cartas, narram histórias, compreendem textos escritos quando lidos para elas, ou seja, fazem uso das estruturas linguísticas próprias da escrita e conhecem suas funções, o que mostra que possuem certo grau de letramento; por outro lado, há pessoas alfabetizadas que não praticam a leitura e a escrita, não conseguem interpretar um texto lido e não desenvolvem simplesmente uma carta, ou seja, não letradas (SOARES, 2009).

Um conceito de letramento muito aceito por pesquisadores brasileiros da linguagem é o dado por Soares (2002, p. 145): “*estado ou condição* [grifos da autora] de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento”. Pode-se dizer, então, que ser letrado é o indivíduo ter conhecimento de leitura e de escrita que o faça participar, de modo eficaz, de situações sociais interativas em que ambas sejam necessárias para a construção do sentido.

Observa-se, então, que vários são os conceitos de letramento, isso sem especificar os níveis e tipos (SCRIBNER, 1984) e as suas qualificações distintivas: *básico* e *crítico*, *adequado* e *inadequado*, *funcional* e *integral*, *geral* e *especializado* etc. que não compete neste momento por se restringir às noções elementares acerca do digital. De acordo com Soares (2009, p. 80), “há diferentes conceitos de letramento, conceitos que variam segundo as necessidades e condições sociais específicas de determinado momento histórico e de determinado estágio de desenvolvimento”. Por isso, deve-se falar em letramentos no plural, haja vista a abrangência de aplicabilidade social, cultural e política denotada pelo termo.

Com o avanço das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), por exemplo, a maioria das práticas sociais de leitura e escrita estão sendo feitas em ambiente digital para o qual já foi direcionada grande parte do conteúdo impresso. Computador, internet, celular, smartphone e tablet são apenas os exemplos mais comuns de novas

tecnologias que atualmente fomentam a discussão de uma subcategoria de letramento denominada digital.

Letramento digital e especificidades da internet

O letramento digital, surgido com as novas tecnologias da comunicação eletrônica do final do século XX e início do XXI, ocorre em ambiente virtual e possibilita não só escrever, ler e interpretar *hipertextos on-line*², mas também interagir via TDICs. O computador conectado ou não à internet, a web, o celular, o smartphone, o tablet, o caixa eletrônico entre outros se tornaram instrumentos essenciais para a realização da maioria das ações da pós-modernidade, sendo a prática da leitura e da escrita, em muitos casos, uma exigência para utilização.

Dentre as TDICs citadas anteriormente, as que chamam mais atenção e as que mais exigem em termos de letramento digital são o computador e a internet, uma vez que todas, de alguma forma, também podem ser designadas de computadores que operam muitas das suas funcionalidades a partir da conexão com a internet.

O computador, neste caso o digital eletrônico, é uma máquina de armazenamento e processamento eletrônico de informações e de dados que surgiu a partir do modelo desenvolvido pelos cientistas norte-americanos John Eckert e John Mauchly, nomeado de ENIAC (*Electronic Numerical Integrator and Computer*), em pleno período da segunda guerra mundial, 1946. Atualmente, com sua evolução, o computador possui grande capacidade de armazenamento em suas memórias e alta velocidade de processamento, existe em vários tamanhos e formatos, comportando o hardware e o software. Este representa o sistema de símbolos, os programas necessários para o computador realizar tarefas (Windows, Linux etc.); já aquele representa a parte física do computador, o conjunto de dispositivos responsáveis pelo processamento das informações e dos dados (CPU, teclado, impressora, mouse etc.).

² Hipertexto *on-line*, de um modo geral, refere-se a uma página da Internet que viabiliza o acesso do leitor a textos, imagens e sons simultaneamente, promovendo uma leitura não linear e interativa, uma vez que, por meio de *links* presentes nele, podem-se visitar outras páginas, ser leitor e autor por se ter uma autonomia em relação às informações que se busca e se constrói.

A internet é a rede global de computadores, conectados através de uma infraestrutura de hardware e software, cujas primeiras conexões foram estabelecidas nos EUA, no final dos anos 1960. Já a web (world wide web), criada no final dos anos 1980, é um subconjunto das informações disponíveis na internet, organizadas em documentos interligados por hiperlinks e acessíveis através de softwares específicos. São várias as páginas indexadas da web que circulam na internet. Essas páginas podem aparecer de forma profunda (*deep web*), com acesso restrito feito apenas por meio de login e senha; e de forma dinâmica, com acesso por meio das ferramentas de busca como *Google*, *Bing*, *Yahoo* e *Ask*. Quando um mesmo conteúdo aparece em mais de uma ferramenta de busca dá-se o nome de sobreposição, isto é, as páginas indexadas estariam presentes em mais de um banco de dados (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011). No entanto, muitos autores tratam internet e web como sinônimos, uma vez que ambas possuem entre si uma relação de dependência. Neste texto, especificamente, embora se concorde com a diferenciação existente entre elas, a ideia de sinônimo será usada.

A internet apresenta infinidades de informações, novas formas de interação, hipertextos, nova textualidade, iconotextos, hipergêneros, novos gêneros textuais etc. As informações são volumosas, multiplicam-se em segundos e quase todas localizáveis pelos sites de busca como já mostrado na definição de Web.

A interação entre autor e leitor modifica-se na internet. No ato da leitura dos hipertextos, o leitor torna-se coautor e outras vezes autor por um processo de apropriação seletiva de montagem do texto virtual em sua mente. Isso porque há na internet uma diversidade de hipertextos e a possibilidade de criação de outros. Textos lidos e “produzidos” pelo usuário no ato da leitura já que ele mesmo seleciona as informações que deseja, clica nos links presentes na tela para acessar maiores esclarecimentos e para fazer o cruzamento dos dados. A noção de hipertexto, segundo Lévy (1999, p. 56), corresponde a “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”, ou seja, é um texto capaz de proporcionar uma leitura e uma escrita multilinear. Atualmente, há autores que defendem que o hipertexto não é novidade e que já se manifestava muito antes em textos impressos (cf. COSCARELLI, 2005, RIBEIRO, 2008); por outro lado, há autores que veem o hipertexto como algo novo capaz de ampliar as práticas discursivas e mudar o modo de leitura e escrita, gerando gêneros típicos do letramento digital (cf. XAVIER, 2004; MARCUSCHI, 2004; KOMESU, 2005).

Com relação à textualidade neste ambiente, Maingueneau (2010, p.137) a denomina de textualidade de navegação na internet, a qual “implica uma nova maneira de ler e a possibilidade de passar instantaneamente de uma página para outra em um espaço aberto”, ou seja, sua noção de textualidade segue a conceituação que é dada aos hipertextos (cf. XAVIER, 2004; MARCUSCHI, 2004; KOMESU, 2005). Para ele, esses textos são icônicos (iconotextos), uma vez que são páginas na tela do computador que integram textos e fotos. É Maingueneau (2010) também quem trabalha a noção de hipergênero como sendo aqueles que “não sofrem restrições sócio-históricas, eles apenas “enquadram” uma larga faixa de textos e podem ser usados durante longos períodos e em muitos países. As restrições impostas por eles são muito pobres”. Carta, diálogo e *weblog* são para ele hipergêneros e não gênero. Vale lembrar que a noção de hipergênero não está diretamente ligada à internet, mas pode ser útil para estudar as práticas comunicacionais que nela ocorrem. No caso dos *blogs*, o fato de ser sempre alguém que fala de si, não necessariamente da vida pessoal, para alguém que visite seu *website*, apenas atravessando categorias temáticas (pessoal, institucional, educacional, comercial etc.), e a arquitetura e o suporte material das páginas serem idênticos, já que se limitam a utilização das mesmas ferramentas do software, mudando apenas cores, fontes e imagens, os classificam como hipergêneros.

Há, ainda, os diversos gêneros textuais surgidos com o advento da internet, os quais também são denominados de digitais, virtuais ou emergentes. Os gêneros digitais mais conhecidos são *e-mail*, chat aberto, chat reservado, aula-chat, lista de discussão, blog (discutível se gênero ou hipergênero), entre outros. Portanto, a eles também pode ser aplicada a mesma conceituação dada aos gêneros não provenientes da internet, que dependendo da abordagem ora são textuais ora discursivos. Bakhtin (2006), por exemplo, os denomina de discursivos e diz que são tipos relativamente estáveis de enunciados, composto por conteúdo temático, estilo da linguagem e construção composicional, determinados pela especificidade dos diversos campos da comunicação.

O que se observa com isso é que, na contemporaneidade da cibercultura, conhecimentos básicos de letramento digital são necessários para o indivíduo utilizar as TDICs criadas para facilitar o dia a dia em sociedade. Cibercultura, neste caso, significa o conjunto de técnicas (materiais ou intelectuais), práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que são desenvolvidas juntamente com a evolução do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17). Já o letramento digital, conforme Xavier (2002), relaciona-se à realização, de modo

diferente das formas tradicionais de letramento e alfabetização, da prática da leitura e da escrita em ambientes digitais.

Ações como fazer uma operação em um caixa eletrônico, pagar uma passagem de ônibus usando o cartão eletrônico já utilizado em muitas cidades, participar das eleições pelo voto direto na urna eletrônica, usar o cartão de crédito ou débito, usar celular ou smartphone, utilizar o computador, acessar a internet seja para pesquisar, inscrever-se em cursos, entreter, bater papo em redes sociais, estudar a distância, fazer declaração de imposto de renda etc., são apenas alguns exemplos em que o letramento digital se faz indispensável.

Letrado digital e a escola como principal agência dessa nova modalidade de letramento

Com uma produção tecnológica em massa e com a facilidade de compra, muitas são as pessoas que adquiriram as TDICs ou a elas têm acesso (mesmo que se saiba que também seja grande o número de pessoas que vivem à margem dessa realidade). No entanto, para ser considerado um letrado digital o indivíduo deve além do acesso às TDICs ter domínio de suas funções de modo a permitir a interação, a acessibilidade à informação e à construção de conhecimento. Por isso, espera-se que o letrado digital seja o indivíduo capaz de realizar práticas de leitura e escrita integradas à interação social em ambientes virtuais, fazendo uso de gêneros textuais adequados à especificidade da esfera comunicativa envolvida.

Ser letrado digital, segundo Xavier em seu texto *Letramento digital e ensino*,

pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (2002, p.2).

Em vista disso, para que alguém se torne incluso neste vasto campo digital, precisa “dominar a tecnologia da informação, (...) computadores, *softwares*, Internet, correio eletrônico, serviços, etc., que vão muito além de aprender a digitar, conhecer o significado de cada tecla do teclado ou usar o mouse” (PEREIRA, 2005, p.17). A nosso ver, precisa, principalmente, familiarizar-se com a leitura e a escrita dos hipertextos on-line que se situam no campo da multimodalidade, ou seja, a possibilidade de transmissão e compreensão de mensagens utilizando tanto a linguagem verbal (uso de palavras) quanto a não verbal (uso de imagens, cores, sons etc.) e sua hibridização.

Mas onde e como adquirir o letramento digital? Várias são as agências de letramento onde se pode praticar e/ou receber orientação: a família, a escola, o local de trabalho etc. Das citadas, à escola é dado o papel de principal agenciador. No entanto, segundo Fiorin (2008), a utilização das TDICs nas escolas ainda é receosa pelos professores e um dos motivos alegados é o internetês (adaptações gráficas) ainda ser visto como um deturpador da norma culta. Para esse mesmo autor, é na escola que o indivíduo deve aprender a selecionar adequadamente conforme a situação comunicativa (interlocutor, suporte, grau de intimidade, interesse etc.) a forma escrita a ser empregada. Afinal, o internetês apenas representa uma nova modalidade da escrita, uma variação simplificada e econômica de realização da língua muito próxima da oralidade, exigida pela rapidez da comunicação, quase sempre síncrona e com pessoas com quem se mantêm uma relação de amizade com liberdade para tal, e não uma deturpação linguística.

A escrita formal ou informal no caso das TDICs conectadas à internet nem sempre está ligada ao fato da comunicação ser síncrona ou assíncrona ou ao grau de instrução do indivíduo, mas a muitos outros fatores como filosofia do site, público receptor, intencionalidade e gênero textual/virtual utilizado, por isso, deve ser vista como uma adequação necessária feita pela pessoa para que a comunicação ocorra em harmonia com seu contexto. E é desse fato que a escola deve se aproveitar para mergulhar o aluno nas mais diversas situações comunicativas que exigirão dele conhecimento sobre vários campos e domínios discursivos. Com isso, a escola conseguirá fazer o aluno pesquisar, ler, refletir, discutir, selecionar e escrever de forma produtiva como tanto almeja.

De acordo com Nguyen (2010), em seu artigo *Online or Not Online: Into the 21st Century Education*, a maioria dos estudantes de hoje são os que nasceram em um mundo digital, o que, possivelmente, os classificam como *nativos digitais* (PRENSKY, 2001), uma vez que estão cercados por televisões, computadores, vídeo games, iPods, MP3, telefones celulares, internet e todos os outros “brinquedos” da era digital. Para a autora, os alunos são multitarefa e, provavelmente, não gostam de sentar em uma sala face-a-face por um longo tempo para assistir apenas à explanação do professor. Então, cabe à Escola contextualizar seu ensino à atualidade, levar também em conta as alterações culturais advindas da utilização diária das TDICs fora do âmbito escolar e inseri-las, planejadamente em termos materiais (laboratórios de informática, computadores com internet etc.) e humanos (formação de professores, conscientização de alunos), em seu universo de ensino.

Uma coisa é certa, para que o indivíduo torne-se um letrado digital eficiente deve interagir socialmente utilizando as TDICs para “resolver problemas do dia a dia, resolver questões junto a órgãos públicos e privados através do computador, interagir via *e-mail* e, principalmente, participar da construção coletiva do conhecimento” (PAIVA, 2006, p.11), haja vista que quanto mais habilidades de leitura e de escrita desenvolver com o uso das novas tecnologias, maior será o seu grau de letramento digital. Caso contrário, em plena era das tecnologias de comunicação eletrônica, era dos nativos digitais (os quais não só nasceram no apogeu das TDICs, mas também vivem em contato direto com elas), por falta de incentivo das principais agências de letramento, especificamente da escola, crescerá cada vez mais o índice de exclusão digital, principalmente dos menos favorecidos que serão socialmente impedidos de desenvolver esse novo letramento, sendo, quando muito, apenas usuários não críticos, incapazes de resolverem problemas rotineiros mediante sua utilização.

O que se percebe, portanto, é que as TDICs são instrumentos técnicos e simbólicos que proporcionam ambientes interacionais por onde circulam uma multiplicidade de informações dispostas em diferentes gêneros textuais e que os envolvidos diretamente no processo ensino-aprendizagem na escola (professor e aluno) devem ser preparados para delas tirarem o melhor proveito possível no momento de desenvolver suas atividades de um modo geral.

Considerações finais

Os avanços nos estudos do letramento mostram a complexidade do que é, hoje em dia, definir critérios que diferenciem um sujeito letrado de um não letrado, principalmente por não se ter um único conceito de letramento que seja universalmente capaz de abarcar as múltiplas habilidades individuais e sociais e as competências funcionais correspondentes ao termo no que tange aos diversos contextos culturais e políticos. Tal situação levou Scribner a seguinte conclusão:

Em certo momento, a habilidade de escrever o próprio nome era a comprovação de letramento; hoje, em algumas partes do mundo, a habilidade de memorizar um texto sagrado é a principal demanda de letramento. O letramento não tem uma essência estática e universal. (1984, p.8).

É importante mencionar, então, que não existe um limite definido para o termo letramento ou letramentos, abrangendo aí o digital, haja vista que a tendência é aumentar cada vez mais as ações individuais e sociais e os gêneros textuais que exigirão suas execuções em diferentes suportes. Isso reforça o que diz Soares (2002, p156), “letramento é um fenômeno plural, historicamente e contemporaneamente: diferentes letramentos ao longo do tempo, diferentes letramentos no nosso tempo”.

O fato é que ser letrado digitalmente torna o indivíduo um cidadão mais participativo socialmente, capaz de resolver, por intermédio das TDICs, questões corriqueiras, além de, como diz Marcuschi (2004), passar a interagir por meio de uma escrita eletrônica e pelos gêneros textuais emergentes (*e-mails, chats* etc), os quais apresentam características que merecem estudos aprofundados, mesmo que muito já se tenha pesquisado. Enfim, muitos são os caminhos por onde se pode navegar no oceano dos hipertextos on-line, é só embarcar sem medo e sem receio.

The digital literacy and the school as their main agency

Abstract: *The digital literacy, emerged with the new electronic communication technologies the end of the century XX and beginning of the XXI, occurs in virtual environment and enables not only to write, read and interpret hypertext online, but also interact via digital technologies of information and communication. The computer connected to the internet or not, the web, the cellphone, the smartphone, the tablet, the electronic box and others became essential instruments for the realization of the shares of the post-modernity, in which the practice of reading and writing, in many cases, is a requirement for use. Accordingly, this article presents concepts of literacy (s), specifically digital, show what is required to be included in this ascending field of new technologies, well as where learn it mode critical.*

Key words: *Literacy (s). Digital literacy. Digital inclusion*

Referências

- BAHKTIN. M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.261-306.
- COSCARELLI, Carla Viana. Da leitura de hipertexto: um diálogo com Rouet et ali. In: ARAÚJO, Júlio César & BIASE-RODRIGUES, Bernadete. (Orgs.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 109-123.

Dicionário oxford escolar. 2ª ed., Rio de Janeiro/Brasil: Oxford University Press, 2007.

FIORIN, José Luiz. A internet vai acabar com a língua portuguesa? **Revista Texto Livre** vol. 1 nº. 1 outono de 2008. Disponível em:

<<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/10/5>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

HOUAISS, Antônio & CARDIM, Ismael. **Dicionário universitário webster's.** 7ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2008.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.) **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R (org.). **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 173-203.

KOMUSU, F. Pensar em hipertexto. In: ARAÚJO, Júlio César & BIASE-RODRIGUES, Bernadete. (Orgs.). **Interação na Internet:** novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.87-108.

LÉVY, P. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MAINGUENEAU, D. Hipergênero, gênero e internet. In: _____ . **Doze conceitos em análise do discurso.** Tradução de Maria Inês Otranto. São Paulo: Parábola, 2010. Cap. 07. p.129-138.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). **Hipertextos e gêneros digitais:** novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 13-67.

NGUYEN. Thanh T. Online or Not Online: Into the 21st Century Education. **International Journal of Instructional Technology and Distance**, artigo 4, novembro de 2010. Disponível em: <http://www.itdl.org/Journal/Nov_10/article04.htm>. Acesso em: 20/05/11.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Comunidades virtuais de aprendizagem e colaboração.** 2006. Disponível em:

<www.veramenezes.com/comunidades.doc>. Acesso em 10 jul. 2011.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade da informação. In: COSCARELLI, Carla & RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon** . v. 9, n. 5, Oct. 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2011.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Navegar lendo, ler navegando**: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais. 2008. 243 f. Tese (Doutorado) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

SCRIBNER, S. Literacy in three metaphors. **American Journal of Education**, v.93, nº1, 1984. P.6-21.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.** Campinas, vol.23, n.8, p.143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 05 ago. 2011.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.170-180.

_____. **Letramento digital e ensino**. 2002. Disponível em: <www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf> Acesso em: 05 ago. 2011.